

## PAIDÉIA TOLKIENIANA: METÁFORAS DE UMA CRÍTICA À MODERNIDADE

Jardiel Roberto S. Barbosa

Universidade Federal da Paraíba, [Jardiel.roberto@gmail.com](mailto:Jardiel.roberto@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo identificar no fio da argumentação do autor J. R. R. Tolkien uma crítica à modernidade, em especial aos avanços tecnológicos da guerra. Através de uma pesquisa bibliográfica e documental, busca-se correlacionar o conceito de mitopéia Tolkieniana, com a Paidéia grega no período homérico, e a partir disso, identificar metáforas que apontam o ideal de homem apresentado pelo autor na obra O Senhor dos Anéis.

**Palavras-chave:** Modernidade, Paidéia, Mitopéia, Metáforas.

### INTRUDUÇÃO

Toda obra literária apresenta nas sendas de sua construção imaginária uma cosmovisão, uma forma de explicar a realidade de modo peculiar, mas ao mesmo tempo contextual. Cristelle (2013, p. 117) destaca que “o discurso literário pode ser visto como a apresentação, através da palavra, de um pensamento, de uma visão de mundo do autor, denominado autor implícito”. O que Cristelle (2013) coloca como autor implícito, aparece ao longo de uma obra literária como expressão de uma concepção de mundo que tem seu ponto de partida nas dimensões concretas e históricas da realidade do autor. Como afirma Cristelle (2013, p.145):

Entender o autor como agente participante do seu tempo, escolhendo alguns elementos para sua narrativa (e consequentemente excluindo outros) que darão sentido a trama, para assim estabelecerem diversas mensagens no interior da obra. Essas mensagens se articulam como discurso fora do texto, na vida do autor e é nesse momento que o mesmo estabelece sua participação no tempo. Identificar esses discursos e o posicionamento do autor frente a eles, assim como suas releituras e ressignificações constitui-se um desafio no trato com a literatura.

É partindo desse pressuposto que pretendemos analisar, neste artigo, metáforas de espiritualidade e educação na obra O SENHOR DOS ANÉIS de J. R. R. Tolkien, tomadas didaticamente como uma crítica à modernidade. Esse desafio nos leva diretamente a uma abordagem cuidadosa e absolutamente despretensiosa, mantendo-nos sempre em uma postura teórica de abertura e na contramão de um espírito cartesiano-positivista<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Na filosofia o advento da modernidade é marcado pela concepção clássica do mecanicismo racionalista inaugurada por René Descartes. Segundo Touraine (1994) Esse paradigma se configura enquanto fragmentação da realidade como uma máquina composta de pequenas peças que devem ser minuciosamente analisadas sob o pressuposto da dúvida, para se obter certezas indubitáveis.

É precisamente na contramão dessa postura que gostaríamos de situar as obras de Tolkien, que embora tenha sido cátedra de um dos maiores centros de reflexão da Europa - a Universidade de Oxford - obviamente influenciada tanto pelo paradigma cartesiano, como pelo cientificismo, o autor desenvolveu suas obras em oposição ao que se esperava de um professor de língua e literatura de uma universidade tradicionalmente moderna, sofrendo assim fortes oposições, como destacou Greggersen (2003, p.20): “muitos dos colegas de Tolkien o criticavam para que ele escrevesse menos fantasia e mais ciência”. Sobre isso, Klautau afirmou:

A crítica de Tolkien em relação a racionalidade analítica se afunda no resgate do pensamento mítico [...] para ele o mito está vivo e é mais fácil um poeta compreendê-lo do que um cientista moderno. Ao estar vivo o mito produz sentimentos e realidades que a razão analítica não consegue explicar. (KLAUTAU, O Evangelho da Terra Média, p. 89, 2003)

Dentro desse contexto, através desse artigo objetivamos identificar no fio das narrativas do autor J. R. R. Tolkien uma crítica à modernidade em especial aos avanços tecnológicos da guerra. Também esperamos correlacionar o conceito de mitopéia Tolkieniana, com a Paidéia grega no período homérico, e a partir disso, identificar metáforas que apontam o ideal de homem apresentado pelo autor na obra O Senhor dos Anéis.

Assim, diante de tal contexto, a partir de um estudo bibliográfico e documental, buscamos responder as seguintes problemáticas:

1. *Como Tolkien a partir das narrativas O Senhor dos Anéis, desenvolve uma crítica à modernidade?*
2. *Qual a correlação entre o conceito de Paidéia grega no período Homérico, com o que Tolkien Chamou de mitopéia?*
3. *Qual a relação que Tolkien faz entre a areté anglo-saxônico fundado através de sua mitopéia com espiritualidade e educação?*

## **Metodologia, Resultados e Discussão**

Sabe-se que a partir da modernidade houve uma forte tendência epistemológica que enfatizou a produção de conhecimento a partir de um tipo de lógica matemática representada pela dedução e demonstração, reduzindo o exercício da construção do saber a esfera da possibilidade de conhecimento, ou seja, aquilo que não fosse possível dizer de forma clara, evidente e indubitável em última análise não existe, ou não pode ser dito. Possebon (2017, p. 49) citando Basarab Nicolescu (1999), nos esclarece sobre três principais características do

pensamento cientificista moderno: “Três postulados fundamentais da ciência moderna: 1) a existência de leis universais de caráter matemático; 2) a descoberta dessas leis pela experiência científica; 3) a reprodutibilidade perfeita dos dados universais”.

Essas concepções trouxeram inúmeras mudanças no modo como o homem moderno se relacionava com a realidade: as novas questões do trabalho mecanizado, as mudanças econômicas e políticas são partes fundamentais das novas dinâmicas da modernidade (CRISTELLE, 2013) Além disso, vale mencionar que, segundo Eliade (2010, p.19) “o homem moderno dessacralizou o seu mundo e assumiu uma existência profana”, com isso o autor situa a modernidade como uma época de negação do sagrado. Brüseke (2005, p.3) também aprofunda essa concepção afirmando que fora do alcance da racionalidade o que nos resta é o silêncio.

Tolkien inicia sua obra O Senhor Dos Anéis, considerada literatura fantástica, em oposição a essa tendência racionalista, resgatando o tema da mitologia anglo-saxônica na alta cúpula da literatura inglesa, extremamente formalista e cientificista da universidade de Oxford. Ao mesmo tempo em que o autor resgata muitos dos elementos mitológicos anglo-saxões, ele incorpora metáforas da espiritualidade cristã-católica, ligando os seus personagens com valores e princípios que podem ser correlacionados à espiritualidade católica.

Além dessa riqueza simbólica de espiritualidade, mitologia e religião, Tolkien dá voz e enredo aos seus principais heróis contra as expressões de poder político absolutista e radical, presentes no imaginário das grandes guerras do início do século XX. Nesse sentido, podemos correlacionar essa denúncia contra tirania como mais uma expressão de sua crítica à modernidade. Tolkien coloca a tecnologia da guerra como sendo uma das bases de sustentação para governos absolutistas e dominadores como o de Sauron, sobre isso, vejamos o relato do próprio Tolkien no texto O Senhor dos Anéis Vol. II:

Quando Saruman estava a salvo outra vez em Orthanc, não demorou muito para que pusesse em ação algumas de suas preciosas máquinas. Nesse momento já havia muitos ents dentro de Isengard: alguns tinham seguido Tronquesperto, e outros tinham irrompido do norte e do leste: estavam vagando de um lado para o outro e fazendo um grande estrago. De repente ergueram-se chamas e uma fumaça imunda: as aberturas dos poços em toda a planície começaram a cuspir e vomitar. Vários ents ficaram com queimaduras e bolhas. Um deles, que se chamava Ossfoaia, eu acho, ficou preso no vapor de algum tipo de fogo líquido e queimou como uma tocha: uma cena horrível. (TOLKIEN, O Senhor dos Anéis, Vol. II, P. 172)

Aqui as máquinas representavam exatamente o instrumento de controle, poder e dominação do homem moderno sob pena da destruição da natureza, representada pelos Ents,

árvores com forma humanizada com barba, cabelo, dedos e braços, que se movem e falam, ou seja, Tolkien faz uma espécie de humanização da natureza, que no caso do Senhor dos Anéis, está comprometida com a manutenção da vida e do ecossistema, colocando-a com interesses opostos ao da tecnologia da guerra, que se serve exatamente dos meios da natureza transformando-os em instrumentos de morte e extermínio. Aqui Tolkien nos fala de uma natureza mais humanizada que o próprio homem que foi tão atraído pelo poder a ponto de lutar para obtê-lo sob qualquer custo mesmo que seja a própria extinção.

Vale mencionar que as experiências de Tolkien como soldado na primeira guerra mundial exerceram grande influência nele por toda vida (WHITE, 2002, P.163). Tendo vivido em um mundo conturbado de carnificinas e sangrentas disputas pelo poder, Tolkien “oferecia uma realidade alternativa, um mundo que era “real”, com violência e intrigas, o bem e o mal, mas ambientado em um universo sem bombas e morteiros, sem bombardeios, nem desfiles nazistas” (WHITE, 2002, P.171).

A modernidade é retratada por Tolkien de forma simbólica, O Senhor dos Anéis oferece uma criação alternativa, retratando as aventuras dos elfos e dos homens contra Morgoth e Sauron, como afirmou White (2016), que O Senhor dos Anéis, foi um meio para atacar os alvos mais odiados por Tolkien – tecnólogos, modernizadores, poluidores, e consumidores inveterados (WHITE, 2016, p.194). O mesmo White (2016) citando Colin Wilson (1997), estudioso das obras de Tolkien, destaca que O Senhor dos Anéis é uma crítica ao mundo moderno e aos valores da civilização tecnológica (WILSON, 1997)

Com essas características simbólico-críticas, a partir de uma linguagem propriamente hierofânica, nos moldes Eliadianos<sup>2</sup>, as obras de Tolkien poderiam ser consideradas uma espécie de Paidéia moderna se correlacionadas ao conceito elaborado por Jeager:

Por Paideia, distingue-se a formação do homem por meio da criação de um tipo ideal intimamente coerente e claramente definido. Essa formação não é possível sem se oferecer ao espírito uma imagem do homem tal como ele deve ser [...] a formação manifesta-se na forma integral do homem, na sua conduta e comportamento exterior e na sua atitude interior. (JEAGER, 1961, p.17)

Tolkien está dando voz a esse homem ideal, como Homero o fez, através dos contos e narrativas de seus heróis, imprimindo neles o que os gregos consideravam como Areté traduzida por Jeager (1961) como virtude ou tipo de homem desejado em uma determinada sociedade que segundo esse mesmo autor, “designava a excelência humana, a superioridade

---

<sup>2</sup> Referência a Mircea Eliade

dos seres não humanos, a força dos deuses ou a coragem e rapidez dos cavalos”. Nesse sentido, podemos fazer uma ponte entre o conceito de Paidéia enquanto formação do homem grego, com o que Tolkien chamou de Mitopéia, que tem como objetivo celebrar o ideal de homem anglo-saxão almejado por Tolkien, através de mitologia fantástica, com traços e valores oriundos da visão cristã que ele tinha.

Ao identificarmos um tipo de Paideia Tolkeriana, colocamos, J. R. R. Tolkien como uma espécie de educador cultural, produzindo valores e ideais para a Inglaterra, dando forma e conteúdo ao que denominamos areté (virtude ou homem virtuoso), nos personagens de sua narrativa mitológica como ilustrou White (2002, p. 213): “os Hobbits são ingleses e o condado é um aspecto da Inglaterra”.

Outro aspecto interessante é que Tolkien, ao declarar sua concepção areté nos feitos de seus heróis ao longo do livro O Senhor dos Anéis, ele o faz muitas vezes em oposição ao sistema político-cultural vigente em sua época, produzindo assim uma crítica a modernidade contundente e implícita.

Por exemplo, Saruman pode representar uma espécie de força que se corrompeu e perdeu sua virtude (areté) sob a égide do poder, usando inclusive os poderes mágicos, modificando o seu objetivo, para criar instrumentos de destruição e produzir um exército de criaturas assassinas. Os Uruk-hai resistentes à dor, ao medo, movidos pelo ódio, são a expressão máxima da crítica do autor a tecnologia e a ciência da guerra. Vejamos o relato do Próprio Tolkien:

Mas neste momento nossa principal preocupação é com Saruman. Ele reivindicou soberania sobre toda esta terra, e tem havido guerra entre nós já há vários meses. Ele recrutou orcs a seu serviço, e montadores de Lobos, e homens maus; bloqueou o Desfiladeiro contra nós, de modo que é provável que fiquemos cercados pelo leste e pelo oeste. — É terrível lidar com um inimigo desses: ele é um mago, ao mesmo tempo astuto e cheio de poderes mágicos, tendo vários disfarces. Caminha por aí, dizem, como um velho de capuz e capa, muito semelhante a Gandalf, como muitos agora se lembram dele. Seus espiões penetram qualquer rede, e seus pássaros de mau agouro estão espalhados pelo céu. Não sei como tudo isto vai terminar, e meu coração pressente algo mais, pois tenho a impressão de que nem todos os seus amigos moram em Isengard. Mas, se vier à casa do rei, terá a chance de ver com os próprios olhos, Aragorn. Você não virá? Serão vãs minhas esperanças de que você tenha sido enviado como uma ajuda nestes tempos de dúvida e necessidade? (TOLKIEN, O Senhor dos Anéis, Vol. II, p. 41)

Como bem afirmou White (2002), a figura de Saruman enquanto arquétipo pode nos reportar a visão tolkeriana sobre o destino histórico de muitos políticos, cientistas e homens

do poder do século XX. Tolkien coloca essa corrupção de Saruman como um tipo de poder desnaturalizado, que perdeu a humildade, que se tornou tirânico e soberbo, podendo inclusive ser comparado com a ciência nazista conhecida por sua crueldade, como podemos ver no seguinte relato:

Joseph Mengele, cientista nazista, cujas experiências foram responsáveis pelo extermínio de 400 mil pessoas em Auschwitz. Mengele injetou tinta azul em olhos de crianças, uniu as veias de gêmeos, jogou pessoas em caldeirões de água fervente, amputou membros de prisioneiros, dissecou anões vivos e coletou milhares de órgãos em seu laboratório. Depois da guerra, fugiu e viveu escondido no Brasil até morrer, em 1979. (REZENDE, Doutores da Agonia, 2016, disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/doutores-da-agonia/>. Acesso em: 06 Set. 2018.)

Partindo do pressuposto de que Tolkien estava preocupado com o estabelecimento de um tipo de Paidéia, precisamos compreender que tipo de homem ele estaria sugerindo como ideal. O que chamamos de Paidéia está relacionada a formação do homem por meio da criação de um tipo ideal intimamente coerente e claramente definido (JEAGER, 1986, p. 17). Essa formação acontece por meio da criação de uma imagem do homem tal como ele deve ser na sua integralidade, ou seja, tanto nos aspectos internos, o que podemos chamar de espiritualidade, e os externos que estão no nível de sua conduta, relacionados com aspectos éticos. Sendo assim que tipo de homem Tolkien tinha em mente?

O ponto de partida fundamental para a construção da Paidéia Tolkieniana é o fascínio, ao configurar a saga do ser humano no comprimento de seu destino (Lopéz, 2004). Ao eleger um simples Hobbit, chamado Frodo como herói de sua saga, estando ele destinado a levar o anel do poder para ser destruído no fogo da montanha da perdição, Tolkien, está traduzindo o que para ele seria uma Virtude fundamental: um homem que abraça seu destino sem vacilar, levando a termo sua missão mesmo que para isso tenha que morrer. Claramente ao destacar a missão do homem no cumprimento de seu destino, Tolkien, está intimamente influenciado pela visão cristã de mundo, imprimindo assim em seu herói, uma tipologia de Cristo.

Outro aspecto do que chamamos de Paidéia Tolkieniana, seria a capacidade e resiliência, do homem para enfrentar o sofrimento. Goodley (2005, p. 13) define resiliência da seguinte maneira: “a capacidade humana de resistir à opressão, desafiando a tendência de subestimar as pessoas com rótulos diversos”. Todos os heróis da narrativa O Senhor dos Anéis, tiveram que passar pela prova do sofrimento, e encarar esse contexto com resiliência

necessária para vencer e concluir a tarefa. Tolkien coloca o sofrimento como uma fonte de revelação das intenções do homem, como no relato da queda de Boromir:

Aragorn ajoelhou-se ao lado dele. Boromir, abrindo os olhos, esforçava-se para falar. Finalmente, lentas palavras afloraram. — Tentei tirar o Anel de Frodo — disse ele. — Sinto muito. Paguei por isso. — Seu olhar desviou para os inimigos caídos; pelo menos vinte. — Eles se foram; os Pequenos; os orcs os levaram. Acho que não estão mortos. — Fez uma pausa na qual seus olhos se fecharam de cansaço.

Nesse trecho da narrativa que se passa no fim do vol. I e começo do vol. II, Tolkien, coloca como o homem pode sucumbir diante de intenso sofrimento e pressão por causa de sua sede de poder e perda do sentido da missão. A resiliência no sofrimento na narrativa do Senhor dos Anéis envolve a incorruptibilidade nos propósitos e da missão sustentada pela firme esperança de se alcançar o fim desejado de transformação tanto pessoal como social (KYRMSE, 2002), como encontramos no seguinte trecho:

Depois, suavemente, para a sua própria surpresa, lá no remoto fim de sua longa jornada e de sua tristeza movido por um pensamento em seu coração que não sabia distinguir, Sam começou a cantar. Sua voz soava fraca e vacilante na torre fria e escura: a voz de um Hobbit exausto e desolado que nenhum orc á escuta poderia confundir com o canto cristalino de um Senhor Élfico. Sam murmurava velhas toadas infantis do Condado, e trechos das rimas do Sr. Bilbo que lhe vinham à mente Como cenas passageiras de sua terra natal. E então, de repente, uma nova força nasceu dentro dele, e sua voz soou firme, enquanto palavras de sua Própria autoria chegaram, sem terem sido chamadas, para encaixar-se na melodia simples. *Pode o oeste ao sol que brilha em primavera estar, no verde em flor, do rio na trilha, o tentilhão cantar Ou lá talvez em noites claras, estrelas de elfos, jóias raras, exibam seus apelos. Embora aqui, jornada finda, tu, escuridão, me afluas, além das altas torres ainda e das montanhas rijas, além das sombras vai o sol e estrelas há nos céus. E não direi: "Morreu o sol" e nem direi adeus. ?* (TOLKIEN, O Senhor dos Anéis, Vol. III, p. 152)

Por último, outro elemento da Paidéia Tolkieniana é a exaltação da amizade como elemento fundamental para o cumprimento do destino. C. S. Lewis (2009) definiu amizade como “cooperação entre os homens”, é exatamente esse sentido que aparece em O Senhor dos Anéis vol. III Frodo somente chega ao seu destino por causa de um tipo de relacionamento identitário que nos ajuda a não abrir mão de nossa missão de vida e, além disso, coopera com ela compartilhando as cargas e provando das vitórias como podemos ver no seguinte trecho:

—Frodo! Sr. Frodo, meu querido! — gritou Sam, com as lágrimas quase a cegá-lo. — É Sam, eu cheguei! — Soergueu o corpo do mestre, apertando-o contra o peito. Frodo abriu os olhos. —Ainda estou sonhando? — murmurou

ele. — Mas os outros sonhos foram terríveis. — O senhor não está sonhando de jeito nenhum, Mestre — disse Sam. — É verdade. Sou eu. Eu cheguei. — Mal posso acreditar — disse Frodo, agarrando-o. — Havia um orc com um chicote, e então ele se transforma em Sam! Então afinal de contas eu não estava sonhando quando escutei alguém cantando lá embaixo e tentei responder? Era você? — Era sim, Sr. Frodo. Tinha perdido as esperanças, quase. Não conseguia encontrá-lo. — Bem, agora consegui, Sam, querido Sam — disse Frodo, recostando-se nos braços delicados do amigo, fechando os olhos, como uma criança que descansa depois que os temores da noite são afastados por alguma voz ou mão amada. Sam sentia que poderia ficar ali sentado numa felicidade interminável, mas isso não era permitido. Não era suficiente que encontrasse seu mestre; tinha ainda de tentar salvá-lo. Beijou a testa de Frodo.

A Amizade de Frodo e Sam para Tolkien é o fator decisivo para manter aquecida a esperança e concluir a jornada com êxito, Quando as duas pessoas que descobrem estar palmilhando a mesma estrada a amizade que surge entre elas irá facilmente transformar-se e torná-los não somente companheiros de jornada, mas guardiões dos destinos um do outro (LOPÉZ, 2004), Tolkien, portanto coloca a amizade como e o próprio fundamento da possibilidade de salvação da Terra Média.

### **Conclusões e Referências**

Podemos concluir que ao criar um universo fantástico, rico em profundos arquétipos, fortemente influenciado pela mitologia nórdica, e embasado pelo pensamento católico, Tolkien, quebra muitos paradigmas de sua época, se aventura na criação de um projeto de homem com características que o autor considerava fundamentais, cuja correlação pode nos levar ao projeto de Paidéia homérica, responsável pela criação de um tipo ideal intimamente coerente e claramente definido de homem. Esse projeto foi traçado ao longo de suas obras, em especial no Senhor dos Anéis em contraposição as tendências modernas e aos avanços tecnológicos que foram transformados em meios de destruição do próprio homem. Tolkien assim nos chama a uma reflexão profunda sobre os valores da cultura moderna, assim como sobre qual o lugar que a tecnologia deve ocupar em nossa sociedade.

### **Referências**

**POSSEBON**, Elisa; **POSSEBON** Fabrício. Ensaio Sobre Espiritualidade Emoções e Saúde. João Pessoa: Libellus, 2017.

**CRISTELLI**, Paulo. J. R. R. Tolkien e a Crítica à Modernidade. 1º Ed. São Paulo: Alameda, 2013.



**LOPÉZ**, Silvia Rosa. O Senhor dos Anéis e Tolkien: o poder mágico das palavras. São Paulo: Devir, 2004.

**GREGGERSEN**, Gabriele. O Senhor dos Anéis da fantasia à Ética. Viçosa: Ultimato, 2003.

**WHITE**, Michael. J. R. R. Tolkien: O Senhor da Fantasia. Rio de Janeiro: Darkside Book, 2016

**TOLKIEN**, J. R. R. O Senhor dos Anéis. Tradução: Lenita Maria Rímoli Esteves. São Paulo: Martins Fontes, 2001.